

Fórum Mundial da Água

por Carlos Santos Neves, RTP actualizado às 11:26 - 16 Março '09

Protecção de recursos hídricos junta especialistas na Turquia

publicado 11:07 16 Março '09



"Somos responsáveis pelas agressões cometidas contra a água", lançou o presidente do Conselho Mundial da Água, Loic Fauchon Kerim Okten, EPA Desviar o planeta da rota para uma crise de recursos hídricos, combustível de tensões actuais e conflitos futuros, é o desígnio que enforma os trabalhos do quinto Fórum Mundial da Água. Ministros, ecologistas, cientistas, engenheiros e empresários reúnem-se esta semana em Istambul com o intuito de procurar respostas sustentáveis para um problema crescente.

Dentro de duas décadas, a escassez de água vai afectar metade da população mundial. O vaticínio pertence às Nações Unidas e paira como uma nuvem carregada sobre a vertente europeia do Bósforo, onde os cerca de 15 mil delegados e participantes do Fórum Mundial da Água procuram lançar as bases de um roteiro de sustentabilidade. A adopção do *Istambul Water Guide* é o objectivo a que se propõem os 200 ministros e os representantes de 300 organizações chamados à Turquia.

A Terra é hoje a casa de 6,6 mil milhões de pessoas. Até 2050, esse número deverá crescer em 2,5 mil milhões, com maior incidência nos países em vias de desenvolvimento. Sem uma acção urgente, alertam as Nações Unidas, a humanidade encaminha-se para uma crise de proporções globais. E os recursos hídricos "ainda não são uma questão suficientemente política", como constata Daniel Zimmer, membro do Conselho Mundial da Água.

"Um dos objectivos é fazer com que os políticos compreendam que a água devia estar no topo das suas agendas domésticas e que é necessária para o bem-estar, estabilidade e saúde das suas populações", afirmou o especialista em declarações à agência Reuters.

A 21 anos das estimativas mais negras das Nações Unidas, são já centenas de milhões os seres humanos expostos ao risco de desastres relacionados com a água. No imediato, a escassez do precioso recurso constitui, nas

palavras do secretário-geral da ONU Ban Ki-moon, um "potente combustível para guerras e conflitos".

Protestos sublinham urgência

Ao longo da semana, os participantes no Fórum Mundial da Água vão ser protagonistas em 115 sessões de debate. Três anos depois do evento antecessor, Istambul quer ser o ponto de partida para uma gestão mais responsável dos recursos hídricos do planeta, uma tarefa ambiciosa que impõe uma redefinição em contra-relógio dos pressupostos das relações internacionais, do primado dos combustíveis fósseis para uma era do ambiente e da protecção dos recursos naturais.

Na véspera do Fórum, uma projecção de efeitos do aquecimento global veio vincar ainda mais a premência da agenda de Istambul: a partir de 2100, o Ártico deverá ficar privado de gelo no mês de Setembro e o nível do mar poderá subir em pelo menos um metro, condenando 600 milhões de pessoas ao êxodo.

A ilustrar o potencial de conflito do *dossier* da água, centenas de manifestantes juntaram-se esta segunda-feira em Istambul para contestar o que dizem ser os interesses empresariais subjacentes ao Fórum Mundial e o pouco interesse pelas necessidades dos cidadãos. "A água é o povo, é a vida, não está à venda", gritavam os activistas enquanto a polícia turca polvilhava o local da manifestação com gás lacrimogéneo.

Cashflow

Se as plataformas não alinhadas defendem que o bem em discussão no Centro Cultural de Sutluce "não está à venda", o director da Divisão de Água e Protecção Ambiental do Banco Europeu de Investimento sustenta que o preço médio da água terá forçosamente de subir na maioria dos países europeus.

Em entrevista à Agência Lusa, Luís Veiga Frade afirmou que o custo que os consumidores pagam pela água está "muito abaixo do seu valor real". À falta de receitas suficientes, explicou o responsável, os investimentos no sector são financiados com recurso a empréstimos. E quem empresta exige a garantia "de que há um *cashflow* que vem dos utilizadores".

Os especialistas e responsáveis políticos convocados ao estreito que separa os continentes Europeu e Asiático encontram-se, por conseguinte, em duas linhas de fractura: a geográfica e aquela que aparta os interesses empresariais e a urgência de milhões votados à pobreza e à doença.

Assim acontece em Darfur, no Oeste do Sudão, onde a falta de água continua a estar entre as causas de um conflito que já fez pelo menos 200 mil mortos e lançou em fuga 2,5 milhões de pessoas.